



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de inauguração da ponte “Wilson Pinheiro” – Integração Brasil/Bolívia

Brasília/AC, 11 de agosto de 2004

Meu querido amigo e presidente da Bolívia, Carlos Mesa,
Meu querido amigo e presidente do Peru, Alejandro Toledo,
Minha querida Maria Terezinha Pinheiro, viúva do companheiro Wilson Pinheiro, que dá nome a essa ponte,
Meu caro Carlos Camacho, prefeito do Departamento de Pando,
Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Ministros do meu governo que me acompanham,
Ministros do governo do Peru,
Ministros do governo da Bolívia,
Meus companheiros e minhas companheiras do Pando, do Acre e, sobretudo, mulheres e homens de Brasília,

Meu caro Carlos Mesa e meu caro Toledo, em 1980, quando mataram o Wilson Pinheiro de Souza, eu vim a esta cidade e o clima era muito tenso, porque o Wilson Pinheiro era um sindicalista e foi morto dentro de sua casa. E quando eu cheguei aqui tinha uma assembléia de trabalhadores, um clima muito tenso, muita gente armada andando pelas ruas, o nosso querido companheiro Osmarino, que está aqui do nosso lado, estava aqui. E me chamaram para fazer um pronunciamento. Eu não lembro o que eu disse, eu só lembro que disse que estava cansado de fazer discurso na beira de caixão de companheiros que tinham sido assassinados.

E eu me lembro que utilizei uma frase, que é muito usual, aqui, no Brasil, dizendo que estava chegando a hora da “onça beber água.” Eu disse essa



frase, voltamos para Rio Branco; estrada totalmente de terra, uma poeira muito grande e, para minha surpresa, alguns dias depois, quando eu estava em São Paulo, eu fui comunicado que eu estava sendo processado porque um delegado da Polícia Federal tinha entendido que a frase que eu utilizei: “está chegando a hora da onça beber água”, era uma senha para que os trabalhadores se vingassem. Aconteceu que, no dia seguinte, eu fui embora, e os trabalhadores mataram uma pessoa que eles consideravam suspeita de ter matado o Wilson Pinheiro.

Por conta disso, eu fui julgado em Manaus, fui condenado a 3 anos e meio de prisão. Obviamente que não cumpri a pena porque era réu primário. Mas o esquisito foi que, na acusação, diziam que eu não tinha que ser condenado porque tinha matado qualquer pessoa, que eu não tinha que ser condenado porque usava revólver ou metralhadora; eu tinha que ser preso porque a minha arma era a minha língua, que era muito ferina, e eu não podia andar por aí dizendo que a onça podia beber água. E ainda hoje eu acho que a onça precisa beber água, porque senão ela morre.

Mas quero dizer a todos vocês da alegria de estar, aqui, inaugurando a ponte. Esta ponte, como disse o nosso companheiro Jorge Viana, não é nenhuma ponte Rio-Niterói, não tem 13 quilômetros de comprimento, nem 100 metros de largura. Ela é uma ponte pequena, no tamanho e no custo. Mas, possivelmente, o significado da inauguração desta ponte, em função daquilo que nós acreditamos que está reservado para a América do Sul. Eu quero dizer para vocês que esta ponte não tem tamanho, não tem preço, porque as coisas de muito valor para dois povos ou mais povos, não se mede pela quantidade de cimento, nem pela quantidade de dinheiro, mas pela quantidade de simbolismo que tem a construção dessa ponte, que vai permitir que homens e mulheres possam transitar livremente daqui para a frente entre os dois países, vencendo alguns impasses da burocracia. Viu Jorge, é sempre importante lembrar, porque aí tem Receita Federal, Polícia Federal, tem um monte de



coisas que têm que ir se resolvendo, e essas coisas devem ser difíceis na Bolívia, no Brasil, e devem ser difíceis no Peru.

Mas o que importa é que nós queremos resolver, para que o menino do Pando possa namorar a menina do Acre, ou o menino do Acre possa namorar a menina do Pando, sem que haja nenhum problema entre nós, além de trabalhar, estudar e comercializar. Mas não tem coisa mais bonita do que namorar. Então, namorar já é um passo. Enquanto duas pessoas estiverem namorando, não há espaço para divergência, nem para a guerra, só para a paz.

Por isso, eu, Jorge, não vou sequer ler o meu pronunciamento. Eu acho que o que vale, aqui, para nós, é o que nós estamos vendo. O que vale para nós, aqui, é olhar na cara de cada um de vocês, estudantes, mulheres e homens, e perceber que isso é uma coisa simples. Por ser simples, deveria ter sido feita há 80 anos, 90 anos, 40 ou 30 anos. Eu dizia, em 89, 94, 98, 2002 e continuo dizendo: um dos problemas dos governantes é que eles não conhecem o país que eles governam. Então, muitas vezes, as pessoas ficam presas nas capitais, atendendo apenas à demanda da burocracia e não se dão conta de que, com um gesto simples como este, você une dois países e dá um início extraordinário para a economia, tanto do Pando, quanto para a economia do Acre.

Então, as pessoas não têm interesse em fazer esse trabalho da periferia. É muito mais cômodo ir para a capital; é muito mais cômodo ir para a cidade de 300 mil habitantes, 1 milhão de habitantes. É muito mais cômodo, no meu caso, ir para São Paulo, para Brasília, para Belo Horizonte, para o Rio de Janeiro. Agora, eu sei que é muito mais cômodo, mas é muito mais necessário eu vir a Brasília ou ir a outra cidade pequena deste país, como vamos agora a Ji-Paraná. Nós vamos sair daqui, os três presidentes, e vamos a Assis Brasil, iniciar o trabalho de uma outra ponte entre o Brasil e o Peru. Porque não tem



nenhum sentido a gente morar tão perto, olhando de um lado e vendo outro país, e a gente não ter uma passarela para atravessar.

A integração da América do Sul, a construção de uma nação sul-americana, passa pela integração física. E nós, se Deus quiser, iremos dar a nossa contribuição para que essa integração aconteça. E é importante que todo mundo tenha claro que, como o Brasil é o maior país da América do Sul, e é a maior economia da América do Sul, por conta disso, o Brasil tem mais responsabilidade, o Brasil tem que ter mais solidariedade, o Brasil tem que ser mais companheiro, o Brasil tem que ser mais generoso na sua política de integração.

Portanto, meu querido Jorge Viana, eu sei do trabalho que você fez para esta ponte sair. Eu sei do carinho que você dedicou para que esta ponte saísse. Eu sei da emoção, cada vez que você ia a Brasília e conversava comigo. Ultimamente, ele estava me ligando preocupado: “Olha, Presidente, a ponte não é tão grande.” Pensando que eu ia ficar tão decepcionado. Mas, Jorge, mesmo que fosse um eucalipto fazendo a travessia, feito pelas tuas mãos, com o carinho com que você faz as coisas, ainda assim eu teria vindo a Brasília.

Portanto, eu quero agradecer, aqui, a presença do nosso querido companheiro Toledo, grande companheiro nosso, não apenas companheiro do Brasil, porque é Presidente do Peru, mas companheiro do Lula. E o Lula é companheiro dele.

Quero dizer ao companheiro Carlos Mesa que eu continuo achando que o Presidente da Bolívia tem uma oportunidade histórica, como pouca gente teve, de dar à Bolívia o tamanho econômico que tem o território da Bolívia e a riqueza que a Bolívia tem debaixo do seu solo, que o povo merece experimentar e usufruir.

No que depender de nós, Presidente, pode ter a certeza que seremos mais que parceiros, mais que irmãos, seremos parceiros, irmãos, mas



seremos, sobretudo, companheiros, porque eu quero terminar a minha vida vendo a América do Sul transformada numa verdadeira nação sul-americana, onde o povo possa transitar livremente.

Muito obrigado gente, que Deus abençoe a todos vocês.